

## UM OLHAR SOBRE A COMUNIDADE DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO:<sup>1</sup>

*Emanoela Maria Freire dos Santos<sup>2</sup>*

*Huendson Vitorino da Silva<sup>3</sup>*

*Diana Silva Brasil<sup>4</sup>*

**Entrevistadores/as:** Áureo, em primeiro lugar, gostaríamos de te agradecer por nos receber no Colégio de Aplicação e nos conceder essa entrevista. O Colégio completou 40 anos em outubro de 2001 e sabemos que parte da tua trajetória de vida se entrelaça com a história dessa instituição. Por isso, para começar a nossa conversa, gostaríamos que o você nos contasse como foi o caminho que fez até chegar ao Colégio de Aplicação da Ufac.

Entrevistado: Foi quando eu voltei de viagem, da Itália, em 2002. Entrei na Universidade [Ufac] através de um concurso público chamado “janela”. O reitor na época era o Omar Sabino. Tinha um grande amigo nosso que era professor, o Olavo. Ele disse: “nós vamos trabalhar juntos lá na Ufac!”. Aí peguei minha documentação, entreguei e entrei. Na época não tinha concurso público, como agora. Eu tinha 27 anos. Fui trabalhar no laboratório de biologia. Era efetivo, com um cargo técnico de biólogo. Quando entrei, estava concluindo o curso de Ciências Biológicas.

**Entrevistadores/as:** Como era a Ufac nessa época?

Entrevistado: A dificuldade era só o acesso. Em tempo bom de chuva, mês de novembro, o ônibus não passava do [supermercado] Mercale. Quem tinha carro, ia... Ali onde era a Eletronorte tinha uma ponte e os carros pequenos passavam, mas o ônibus não conseguia passar de jeito nenhum,

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada com Áureo Azevedo, biólogo e técnico administrativo do CAP – Ufac, nas dependências da instituição, em 20/08/2021.

<sup>2</sup> Especialista em Educação Especial (Faveni). Bacharela, Licenciada em História e licencianda em Ciências sociais pela Universidade Federal do Acre (Ufac).

E-mail: [emanoela.santos@sou.ufac.br](mailto:emanoela.santos@sou.ufac.br)

<sup>3</sup> Especialista em Ciência da Religião, Bacharel, Licenciado em História e licencianda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Acre (Ufac).

E-mail: [vitorinohuendson@gmail.com](mailto:vitorinohuendson@gmail.com)

<sup>4</sup> Licencianda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Acre (Ufac).

E-mail: [daiana.brasil@sou.ufac.br](mailto:daiana.brasil@sou.ufac.br)

porque para descer aquela ladeira do Tangará, até chegar lá na avenida Ceará, se descesse não subia. Então, a gente ia a pé para pegar o ônibus na ladeira da AABB [Associação Atlética Banco do Brasil] e lá - nessa época, tinha outra ponte - pegava outro ônibus. E, se estivesse chovendo mesmo, depois do [supermercado] Araújo, tinha outra ponte de madeira.

**Entrevistadores/as:** Como era o trabalho em si? Tinha muita gente que trabalhava com o senhor no laboratório de biologia?

Entrevistado: Nós éramos em 17 pessoas. Tinha curso de Biologia, que era licenciatura em Ciências, de curta duração, e curta duração em Matemática; tinha Ciência e depois você fazia especialização. Era o curso de Ciências que formava professores para dar aula no primeiro e no segundo grau, que era o Fundamental 2, porque no Fundamental 1, eram só os pedagogos [que atuavam].

**Entrevistadores/as:** O senhor passou quanto tempo trabalhando lá na sede, na Ufac?

Entrevistado: De 1984 até depois do ano 2000. Lá eu passei muito tempo. Coordenei o Laboratório de Biologia, fui professor universitário do curso de Ciência, de Biologia, que já estava implantado, no curso de Pedagogia, no curso de Enfermagem, Educação Física.

**Entrevistadores/as:** Acompanhou a criação dos cursos também?

Entrevistado: A maioria dos cursos já quase existia. Por exemplo, o curso de Ciências, o curso Avicultura e o de Matemática tiveram as suas licenciaturas. Do tecnólogo em Agricultura veio a Agronomia. O tecnólogo em Construção virou Engenharia Civil. Os cursos foram mudando de nome e se adequando.

**Entrevistadores/as:** O senhor veio para o CAP por transferência? Como foi?

Entrevistado: Foi uma solicitação minha. Eu moro a 50 metros [do CAP] e os meus filhos precisavam muito de mim porque estavam estudando o Fundamental 2. Então, eu pedi transferência para o CAP, porque eu pegava o ônibus às cinco horas da manhã para poder ir [para a Ufac]. O ônibus passava na [Av.] Nações Unidas e parava lá em cima. Aí eu vim pra cá. Era muito mais perto, ficava mais fácil para levar os meninos para a escola e para trabalhar, para participar de reuniões.

**Entrevistadores/as:** Isso facilitou sua vida?

Entrevistado: Por um lado sim, por outro não. Não na questão do conhecimento. Lá eu tinha com quem discutir, com professores da minha área, que é a Biologia, porque sou enfermeiro também. Então lá eu tinha como discutir conhecimento com grandes mestres, grandes professores da minha área, também tinha a maioria das aulas práticas, que quem dava era eu. Só não dava aula de botânica porque tinham três professoras lá, da área específica, muito boas: a professora Rosélia, que é do CCBN [Centro de Ciências Biológicas e da Natureza], a professora Janaguassu<sup>5</sup>, e outra, que é a Janiguassu<sup>6</sup>, uma era botânica e a outra é da genética.

**Entrevistadores/as:** No CAP, o senhor chegou a ir para a sala de aula?

Entrevistado: Eu já lecionei aqui por falta de professor de Ciência, para o sexto e sétimo ano. A diretora na época era a Fátima Nobre. Quando eu cheguei, estava iniciando o mandato dela.

Eu entrei [na Ufac] como técnico, mas atuei como professor, chamado de colaborador, para não gerar vínculo, nesse caso gera custo para instituição e o pessoal não podia pagar.

O técnico pode dar aula se ele não gerar vínculo, se for habilitado para a área da disciplina e se o setor jurídico disser que pode. Então, a assessoria jurídica deu o aval e disse: “ele pode se não gerar vínculo empregatício [como professor]”. “Pode lecionar como colaborador”. Não teve só eu, teve outra colega também, que já está até aposentada. Ela deu aula de Geografia porque não tinha professor também.

**Entrevistadores/as:** Lembra das suas expectativas quando começou a trabalhar? Quando entrou na UFAC, já tinha formação em Ciências Biológicas?

Entrevistado: Quando eu entrei já estava quase concluindo.

**Entrevistadores/as:** Mudou muita coisa de lá para cá?

Entrevistado: Sim. Na infraestrutura, equipamentos... Com relações às pessoas, às qualificações das pessoas, principalmente dos docentes. Mudou muita coisa, principalmente o quadro de

---

<sup>5</sup> Janaguassu Diacui Pinheiro de Oliveira é professora vinculada ao CCBN e leciona no curso de Engenharia Florestal

<sup>6</sup> Raimunda Janiguassu Diaci Pinheiro de Oliveira é ex-professora do curso de Engenharia Florestal.

professores. Agora temos um quadro de professores com quase 90% de mestres e doutores. Temos só um pós doutor, mas os outros, na sua grande maioria, são mestres e doutores.

Na infraestrutura, com relação a climatização, quando eu vim para cá, tinham oito aparelhos de ar-condicionado de janela. Hoje, 99% do ambiente do Colégio de Aplicação é climatizado. Outra mudança foi a iluminação, que era toda de lâmpada fluorescente e depois, com a tecnologia, foi colocada essa, que não precisa mais de reator.

Mudou também o público discente. A tendência é que as crianças aprendam mais. O Colégio de Aplicação, muita gente pensa que ele é uma elite, mas ele passa a ser elitizado pelos alunos que passam por aqui. Quando eles entram no sorteio - não vou dizer todos, vou dizer que é uma média de 50% dos alunos - não conseguem acompanhar o ritmo do Colégio de Aplicação; eles passam por período de adaptação tanto de comportamento quanto de outras coisas também. Quando eles trazem vícios de outras escolas a gente começa monitorar, porque eles têm que se adaptar à nossa escola, é o que diz regimento do Colégio. Cada professor tem uma forma de tratar o aluno. Não que aluno seja menos ou mais, mas a gente observa a evolução do aluno.

**Entrevistadores/as:** Você já observou evasão de alunos vindos de outras escolas?

Entrevistado: Sim. A evasão é muito grande, tanto que a gente não faz sorteio para aluno do terceiro ano. Vamos supor que das 100 vagas, dez deles não acompanham o ritmo CAP - diferente dos alunos do pré, que vêm passando por todo um processo-, no quarto bimestre, normalmente, os que chegam ficam reprovados.

Muita gente acha que quem trabalha aqui [no CAP] são os professores da Ufac. Porém, como professor do estado, sei como eu trabalho meus alunos. É diferente. Quando o aluno sai do CAP e vai para a escola pública do estado, ele dá show. Por exemplo, entre os alunos que estudaram aqui, que eu tenho referência hoje, por exemplo. Os alunos que eu tive, mais problemáticos na minha vida, são 4: um é o Jair Facundes, que é um juiz federal. Uma vez ele disse: “Professor, o senhor pode fazer um favor? Dá aula só para gente e depois o senhor dá aula para esse pessoal aí, que não quer nada”. Tinha um outro, que sempre foi muito calado. Ele se tornou professor de matemática, um doutor, um grande professor, que é o Jean. Tem a irmã dele, que também é uma enfermeira, e foi minha aluna antes de me formar em Ciências Biológicas, quando era professor do curso de enfermagem.

**Entrevistadores/as:** O senhor trabalhava na Ufac / Colégio de Aplicação e dava aula no estado?

Entrevistado: Sim, eu dava aula no sistema “recibado<sup>7</sup>”, ou seja, eu recebia pelas aulas dadas. Se em um mês eu tivesse 30 aulas, recebia pelas 30, se fossem 20, eu recebia pelas 20.

**Entrevistadores/as:** E como que é a sua relação com os professores e professoras do CAP?

Entrevistado: Não temos desavenças nenhuma. A gente se une sempre a favor da educação. Sempre foi assim. Nunca tive rejeição por nenhum professor. Se eles têm em relação à minha pessoa, eu não percebo. Porque desde que eu vim para cá, nunca mudou a minha forma de tratar com relação a eles. Nós não temos nenhuma divergência politicamente ou com relação da disciplina. O meu relacionamento com os professores, de modo geral, sempre foi bom.

Eu sou apenas pós-graduado. Nunca quis ser mestre, nunca quis ser doutor. Oportunidade eu tive... Quem me deu um papel para assinar se chama Pascoal; era professor UFAC. Ele disse: “está aqui um papel para passaporte profissional para sua vida, basta você assinar aí”. Eu olhei... O curso para mestrado e doutorado era longo e os meninos eram todos os pequenos. E eu não tinha ido para Itália por isso. “Professor, eu vou assinar, mas tem que ser hoje?”. Não encontrei alguém para que eu pudesse levar para me ajudar. Eu não fui. Talvez, se eu tivesse ido, seria doutor. Não tinha como levar, quem levar, eu cuidei dos meus filhos a vida toda.

Mas não tenho nenhum problema com os professores. Muito pelo contrário. Se eu perguntar e chamar, todos eles me atendem, seja professor ou coordenador. Todos eles sempre me acolheram.

**Entrevistadores/as:** E com os estudantes?

Entrevistado: Às vezes me misturo. Sou muito mais brincalhão entre os alunos porque não tem aquela barreira que tem, e sempre vai ter, entre professor e aluno, seja qualquer nível, fundamental um e dois, médio ou nas graduações e pós-graduações. Sempre vai ter aquela diferença que se chama respeito. O aluno respeita o professor e o professor respeita o aluno. Com relação aos alunos eu me misturo, principalmente com os do “pré”, que estão começando a vida. Quando eu abro a porta, a professora já sabe o que é. Dou boa tarde e todos [respondem] “boa tarde”. Aí a professora diz: “mas é boa tarde?”. Alguns lembram que não é. Do sexto ano em diante, eles já me conhecem e sabem que

---

<sup>7</sup> Sistema de pagamento em que se assinava o recibo referente ao pagamento pelas horas trabalhadas.

eu não atrapalho muito a aula, mas se eu tiver que dar recado ou fazer alguma coisa na sala de aula, [pergunto]: “professor, eu quero dar esse recado. Eu dou ou senhor dá?”.

**Entrevistadores/as:** Antes da pandemia, quais eram as funções que o senhor desempenhava no dia a dia do Colégio?

Entrevistado: Sempre desempenhei as funções de coordenador administrativo. Com relação à educação, comportamento de aluno, eu não interfiro. Ajudo as coordenações, ajudo o professor. Mas toda parte que não pertence à docência é comigo. Por exemplo: a direção chega e alguém quer falar com diretor; muitas vezes eu que faço a triagem. Mas não são todos que são assim. Às vezes a pessoa vem aqui e diz que quer falar com o diretor, e aí eu digo: “o senhor pode falar”. O diretor provavelmente está em reunião ou em uma sala de aula. São coisas [do tipo]: “como é que eu faço para colocar meu filho aqui?”. Isso não é coisa para falar com diretor. O que ele vai dizer, eu já disse. A gente desburocratiza. São coisas que a gente diz, coisas que vem para que o diretor tenha que tomar conhecimento, para pedir algo não precisa ir lá pedir autorização para o diretor. A Energiza, a Vigilância Sanitária e Epidemiológica, eu vou acompanhar, andar na escola, ver qual é o objetivo deles. Tem coisas que a gente tem que avisar, não pode deixar passar em branco. Hoje, por exemplo, trouxeram a água e aí eu não vou lá dizer: “diretor vieram deixar a água”. Eu recebo a água, o papel, coloco na mão dele, que vai fazer a tramitação para pagamento...

**Entrevistadores/as:** E o senhor sempre desempenhou essas funções? Não as mesmas, mas sempre foi mais ou menos esse tipo de serviço que o senhor fez aqui no CAP?

Entrevistado: Quando eu vim para cá, vim mais para trabalhar no Laboratório de Ciências que eu ajudei implantar. Fui convidado pela antiga diretora, e ela disse: “nós queremos fazer um Laboratório de Ciências no Colégio de Aplicação. Você quer vir?”. Aí, eu vim. Trouxe um técnico amigo meu. Aí, eu queria espaço, uma área grande. Eu queria o espaço do Laboratório de Informática para criar o Laboratório de Biologia, Química e Física. Ela disse: “mas no momento só tenho esse”, e aí mexemos, quebramos, fiz a relação do material de construção para comprar e colocar no laboratório, de vidrarias até reagentes. Mudou umas coisas de lá para cá. No Laboratório de Biologia tem a decoração, coisas fixas que não se pode manusear.

Foi feita muita coisa pela professora Teresinha e pela professora Maria José, que é o incentivo e apoio. Outras coisas mais, resolveram deixar. Tem muito material que acabou mesmo com o tempo.

Sobre o funcionamento, o Laboratório foi criado no mesmo ritmo do da Universidade. Professor que dá aula de biologia, física, escreve no papel o que quer e a gente programa as aulas. Eu mandei três técnicos para cá para abrir o laboratório. Era no mesmo ritmo do 48 horas [em referência ao seriado]: “o professor quer para segunda-feira”, o técnico” vê o que que tem e o que não tem para preparar as aulas. Com o tempo, isso foi mudando. Fui assumindo outras funções, fiquei na docência um ano e pouco e depois mudou o diretor. Aí o diretor perguntou se eu queria ficar como coordenador, e eu disse “não”. Um colega chamado Alcino, que é muito responsável, já não queria mais [ser coordenador], porque ele queria mais sossego. A partir daí, eu fiquei. Aí eu disse: “Alcino, na próxima gestão tu assume”. Ele trabalha com a gente até hoje, é um grande profissional, um grande amigo, um cara responsável, mas estou nessa até hoje.

**Entrevistadores/as:** Antes não tinha laboratório de humanas, nem das outras áreas?

Entrevistado: Tinha na seguinte situação: tinham salas, salas que não eram específicas. Depois é que foram criados os espaços para as áreas. Não tinha uma sala específica para a área de humanas, não tinha uma sala para a matemática, para a área da natureza.

**Entrevistadores/as:** O CAp tem muita coisa em comum com o Instituto São José...

Entrevistado: Temos uma professora que é muito religiosa, é freira, que dá aula há muitos anos aqui. Quando eu cheguei aqui, ela já estava. É a professora Eva<sup>8</sup>. Ela é formada no Instituto São José, mas o CAp não tem nenhum vínculo. Antigamente, o São José era particular e era referência ele e o Colégio dos Padres. Antes, eram os três colégios ligados à Igreja Católica, o São José, o Imaculada e o Colégio dos Padres, que era onde hoje é o Meta. Eram referências esses três colégios, inclusive meu filho estudou lá, quando o São José passou a ser escola pública e passou a ser pertencente ao Estado, embora as freiras tivessem à frente. Eu tirei meus filhos e coloquei no sorteio aqui, os três. Os três entraram em séries diferentes, dois ficaram aqui e outro não quis, foi para o CESEME<sup>9</sup>, onde hoje é o CERB<sup>10</sup>. Lá, se a pessoa não tiver o pulso forte vai para o pau mesmo. Lá o meu menino andou vacilando e não deu certo, no CERB. Quando era CESEME, o diretor era um cara muito competente,

---

<sup>8</sup> A Prof<sup>a</sup>. Eva é uma das entrevistadas deste mini dossiê sobre o Colégio de Aplicação.

<sup>9</sup> Complexo Escolar de Ensino Médio do Acre

<sup>10</sup> Colégio Estadual Barão do Rio Branco é uma das mais antigas escolas de ensino médio do Acre e fica localizada no Centro de Rio Branco.

o Elias Mansour<sup>11</sup>, que vocês devem conhecer por que a história conta, né? Fora ele só tinha o Raimundo Louro do Acreano.

**Entrevistadores/as:** Como é que você percebe sua contribuição para o CAP?

Entrevistado: Nossa atuação é diferente da docência. Se o docente tem uma demanda, nós temos que ir atrás; eu junto com a direção. O Colégio Aplicação é dependente 100% da instituição maior, que é a UFAC, e nós estamos ligados diretamente à Reitoria. Se o professor quer um equipamento ou alguma coisa que precisa e não tem no Colégio de Aplicação, [a demanda] tem que ser feito através de compra. Não temos dinheiro em caixa. Então, tem um período em que se juntam todas as demandas, durante dois, três meses, para poder fazer a licitação. Agora existem aquelas coisas de caráter emergencial, aquilo que põe em risco a instituição.

**Entrevistadores/as:** O senhor já passou por alguma emergência dentro da sala de aula, ou pelos corredores?

Entrevistado: Sim. Foram dois incêndios pequenos. Um nesta sala [onde a entrevista foi realizada], causado por ar-condicionado. A fumaça começou a sair era final da tarde, e eu ainda estava por aqui. Não sou dos primeiros a sair, sou sempre o primeiro a chegar, mas geralmente um dos últimos a sair. Eu vi e consegui desligar. Foi suficiente para não pegar fogo na rede. O outro foi na sala de aula lá em cima, era a sala 71. O ar-condicionado pegou fogo. Mesmo a gente que estava aqui embaixo, que não estava tendo aula, viu a fumaça. A janela estava aberta e a fumaça tomou conta. Eu desliguei o painel geral, que desliga tudo. Fui lá abrir a porta. A fumaça tomou conta mesmo, saindo por baixo da porta. Eu não sabia onde era e fui rastejando e vi que era no ar-condicionado. Voltei, peguei um balde com água e barro dentro. Joguei e apagou o fogo.

No Cap não temos a torre de água para colocação de hidrantes. O bombeiro já veio aqui, já veio uma empresa terceirizada para ver onde é que vamos colocar a torre, que é um castelo com 20 mil litros de água para colocação dos tanques e para distribuir na escola toda aquela rede de água para casos de incêndio. Teve uma época que tinha sala que não tinha extintor de incêndio.

---

<sup>11</sup> Elias Mansour foi um dos maiores desportistas do Acre, fundador do Juventus Futebol Clube, além de incentivador de atividades esportivas e culturais na cidade de Rio Branco. Foi o primeiro diretor da Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos de Cultura e Esporte e um dos fundadores e primeiro diretor do Complexo Escolar CESEME – Atual CERB



**Entrevistadores/as:** O senhor tem 38 anos no serviço público. Não pensa em se aposentar?

Entrevistado: No presente momento não. Eu nunca parei. Tenho 38 anos de serviço público e nunca parei.

**Entrevistadores/as:** Desses 38 anos, quantos foram vinculados somente ao CAp?

Entrevistado: No Colégio de Aplicação, um pouco mais de 20 anos. A maioria dos professores que foi empossada foi apresentada à escola por mim.

**Entrevistadores/as:** Já esteve em outros núcleos da Ufac?

Entrevistado: Só através de projetos, como o mais antigo que tinha na universidade, como o Projeto Rondon. O Rondon era um projeto que levava a universidade para áreas periféricas. Então, a gente levava as práticas da universidade. Na época que eu fiz parte, junto com o pessoal da Odontologia e da Medicina. Fazia entrevistas, toda uma parte lúdica. Eu trabalhava no DCN [Departamento de Ciências da Natureza] que hoje é o CCBN [Centro de Ciências Biológicas e da Natureza]. A gente levava todo suporte para quem trabalha na área de saúde ou da biologia, que eles não tinham muito acesso ao conhecimento ou tecnologia da época. Por exemplo, se fazia exame de malária lá para dentro de Brasília.

**Entrevistadores/as:** Qual foi o momento mais importante da sua carreira?

Entrevistado: Tem vários. Tem na área técnica, da docência, da enfermagem. Principalmente na área da enfermagem, quando eu posso ajudar uma criança, que eu posso reverter uma situação que ele está passando, tentar estabilizar aquela criança para que se tome as providências.

Às vezes, quando necessário chamar o Samu, e quando é necessário, a gente liga para os pais ou para a pediatra, a Dr<sup>a</sup> Simone. Ela fazia várias perguntas, fazia perguntas como médica e eu respondia como enfermeiro. E ela dizia: “encaminha para o PS, que eu estou indo pra lá”. A gente encaminha, geralmente no carro daqui. Quem tinha carro, às vezes cedia o carro, e o pai também ia pra lá. Depois que o pai recebia a criança, não acabava a responsabilidade. A gente explicava o que aconteceu, informava que a médica já estava atendendo junto com outros médicos, e voltávamos para o colégio.

Como docente, é isso, colaborar com a instituição. Como técnico, é isso, atender a comunidade do Colégio de Aplicação: professores, técnicos, pais e alunos. Nós somos quatro segmentos aqui.

**Entrevistadores/as:** E os mais difíceis?

Entrevistado: O momento mais difícil é sempre o de deixar de resolver algo porque a instância maior não faz, a exemplo daquela situação do ar-condicionado. Não era para estar daquele jeito, por que as pessoas que vêm de fora ficam se perguntando o que é isso, essas rachaduras etc. São coisas que eram para fazer e não fazem. Então, eu chamo de “falta de apoio”. Eu sempre defendi que a manutenção do Colégio de Aplicação tem que ser anual, principalmente onde os alunos têm acesso, não é por que eles são vândalos, mas porque aqui são 600 crianças.

**Entrevistadores/as:** Esse silêncio aqui, típico do período de pandemia, te incomoda?

Entrevistado: Me incomoda não pelo lado psicológico, mas porque acho que uma escola tem que ter o barulho das crianças, eles sorrindo, brincando, o professor dando aula. Isso faz muita falta.

**Entrevistadores/as:** Durante esse tempo de pandemia o senhor continuou vindo aqui?

Entrevistado: Como eu disse, nesses 38 anos nunca me ausentei do setor de trabalho, mesmo nas férias. Se vocês vierem aqui no sábado, eu estou aqui. No domingo, eu estou aqui. Venho aqui no domingo e converso com vigilante.

**Entrevistadores/as:** É como se fosse sua segunda casa?

Entrevistado: Na verdade, até a primeira. Venho aqui no domingo conversar com o vigilante porque nesse período está tendo uma onda de furto muito grande. Essa semana levaram a tubulação de três ar-condicionado. Num caso desse, o vigilante já sabe qual o procedimento dele. Por azar, domingo agora, enquanto o vigilante estava fazendo a ronda, o cara estava aqui dentro. Sorte que ele estava armado, conseguiram deter o cara, chamaram a polícia e levaram ele preso. Então, tem essas coisas. Eu não posso fazer nada, nem os vigilantes. E o que a polícia faz é o de praxe, que é chamar o inspetor deles e comunicar a algum dos responsáveis pela Escola. De imediato, quem os vigilantes avisam sou eu. Porém, o maior é o diretor. Então, quando eu estou mais próximo, venho e tomamos providências. A providência é fazer o documento para Prefeitura do campus, e oficializar o furto

juntamente com o Boletim de Ocorrência, e o registro do furto, e encaminhar para tomarem as devidas providências junto à empresa. A nossa parte termina aí.

Só teve um roubo que conseguimos recuperar. Foi o roubo de uma escada, roubaram a escada e logo depois anunciaram para venda na OLX, e o vigilante informou para mim. O vigilante veio e falou: “seu Áureo, a escada nesse momento está lá perto do Cristo, que é ali em cima no papoco<sup>12</sup>” Então, eu e o vigilante fomos lá buscar a escada. Quando eu cheguei lá, vejo a escada, e verifico a placa da Ufac nela. Em seguida, falo com o cara. Expliquei que a escada era patrimônio da Ufac e que a Polícia Federal andava atrás dela. O cara falou que havia comprado e estava revendendo. Porém, eu disse que isso não era problema meu. E eu só queria a escada: “Eu nem lhe conheço. Eu só quero a escada”. Então, o cara devolveu a escada e ainda deu carona para gente até o CAP. E o vigilante agradeceu tanto a Deus, porque quando roubam alguma coisa da escola, mesmo que parcelado, eles têm que pagar. Agora eu estou pensando nessas três tubulações de ar-condicionado, cada peça são quatro metros. Então, são 26 metros, é muita coisa.

**Entrevistadores/as:** O senhor se sente valorizado dentro do CAP?

Entrevistado: Até agora sim. Os professores, eles me valorizam muito.

**Entrevistadores/as:** Quantas vezes já assumiu a direção do CAP?

Entrevistado: Olha, desde a época do professor Orlandinho, eu assumi umas 10 a 15 vezes a direção da escola.

**Entrevistadores/as:** Mesmo tendo assumido tantas vezes, não quer colocar seu nome no quadro de lá em cima?

Entrevistado: Não, por que lá em cima tem um chama, né? Na universidade tem um quadro com todos os diretores na sala de reunião, do primeiro até o último. Lá está na sala dos coligados. Aqui, no CAP, também a gente fez. Mas lá, se chama “Galeria dos ex-reitores”. E aqui chama-se “defuntário”.

---

<sup>12</sup> Nome popular do bairro Dom Giocondo, que fica localizado próximo ao Colégio de Aplicação.

**Entrevistadores/as:** Quantos diretores o senhor conheceu aqui?

Entrevistado: Da minha vivência foram a Fatima Nobre, a Elza Limana, Orlandi, o Cleilton e Adélia. Esses 5 e, com o Carlos, seis<sup>13</sup>. No “defuntário” só está faltando a Adélia e o Cleilton.

**Entrevistadores/as:** Quando o senhor assumiu a direção, alguém criticou pela quebra da hierarquia?

Entrevistado: É existe, né. Existem certas pessoas que ficam assim, achando que por ser técnico, não deveria. Eles não veem o lado da competência de quem está à frente, que é independente do professor que está à frente da direção da escola. Só porque eu sou técnico... Mas será que a competência do técnico não leva a isso?

**Entrevistadores/as:** O senhor já chegou a ter que dar uma chamada de atenção, dizendo “me respeitem que eu já tenho muitos anos nessa escola”?

Entrevistado: Não. A gente ainda é uma grande família. Eles sabem que a gente já tem uma história e sobre quando eu vim pra cá. Tem gente que tem essa história, antes de mim. Como a dona Nazaré, a dona Suzana, o Alcino, o Sabino. Quando eu cheguei, eles já estavam, a gente tem que aprender muita coisa com eles, na experiência deles. Então, eu tenho gratidão. Nunca precisei dizer. Sempre me coloquei no meu lugar. Mas se um dia for preciso, dependendo da pessoa, a gente não vai ser deselegante. Eu já tive casos aqui, de chegar alguém e tratar um professor como outra pessoa qualquer, sem saber que era professor. E a pessoa nunca chegou a dizer “eu sou professor”. Às vezes é a gente quem diz: “ele é o professor da turma tal”.

O Colégio de Aplicação para mim é a minha segunda família. E é daqui que eu vivo, é do Colégio de Aplicação que eu consigo sustentar a minha família, é do meu emprego, do meu trabalho. É desse dinheiro, desse trabalho, que eu faço, que eu desenvolvo, que junto os quatro segmentos. E é a minha vida aqui dentro, né? Então, eu sou gratificado por esse trabalho que eu desenvolvo, pela família que eu tenho aqui dentro, que são as quatro categorias. Têm professores mais próximos, e tem professor que a gente não pode estar mais perto. Tem um lado da saúde, que eu sei que existe períodos

---

<sup>13</sup> A gestão do Colégio de Aplicação da Ufac foi exercida por: Prof<sup>ª</sup>. Suzana Domingos da Silva (1981-1988); Prof<sup>ª</sup>. Leda Braga de Albuquerque (1988-1992); Prof<sup>ª</sup>. Magaly de Matos Azevedo (1992-1996); Prof<sup>ª</sup>. Maria Leonísia Pinheiro da Costa (1988, 1996-1997); Prof<sup>ª</sup>. Maria de Fátima Nobre da Costa (1997-2001); Prof<sup>ª</sup>. Elza Helena Limana (2001-2005); Prof. Orlandine Rodrigues Santiago (2006-2010); Prof. Cleilton França dos Santos (2010-2013); Prof<sup>ª</sup>. Adélia Aparecida de Melo (2013-2020); Prof. Carlos José de Farias Pontes (2021-atual)

da humanidade, da vida de cada pessoa, que varia de acordo com as fases da vida, quer queira ou não queira. Mas eu sou muito grato, por isso e é a minha segunda família.

**Entrevistador/es/as:** Nós agradecemos muito pela sua disponibilidade e entrevista. Foi ótimo poder escutá-lo e, com isso, também conhecer mais sobre a história do CAP.

*Data de submissão: 12/02/2022*  
*Data de Aprovação: 02/12/2022*